7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo investigar o discurso institucional apresentado por serviços nacionais de inteligência em sua página inicial na internet. Partindo do pressuposto que o sítio institucional é um espaço de comunicação oficial de uma entidade, esses sítios e, por via de consequência, suas respectivas páginas iniciais, são documentos públicos que 'falam' em nome de uma instituição/organização (Coupland, 2003). Seguindo então por esse viés, examinou-se cada página verbal e visualmente. Nos parágrafos que se seguem, faremos, em primeiro lugar, algumas considerações acerca do discurso de cada página individualmente e, logo depois, pontuaremos algumas questões comuns a todas elas.

7.1

A PÁGINA TURCA

Se fosse possível descrever em uma única palavra o discurso da Organização Nacional de Inteligência, o serviço turco, uma forte candidata seria o adjetivo *personalista*.

Ao contrário do que acontece nas duas outras páginas estudadas, nas quais está claramente sinalizado, tanto verbal quanto visualmente, que a instituição de inteligência está a serviço de seu país, na página turca, a mensagem parece ser dúbia: o serviço turco está a serviço da Turquia (lema), mas está, sobretudo, a serviço da figura de Atatürk. Atatürk assina o lema, está no centro do emblema da instituição e o retrato de seu rosto ocupa um espaço significativo na página. Todas essas referências ao estadista acabam por saturar a página, até mesmo o voto de servir à nação turca, expresso em seu lema.

Reiterando o que se disse na análise, a página parece fundir e confundir o Estado turco e Atatürk. Ao cultuar a personalidade de Atatürk, a página cultua, na

verdade, um Estado personalista e, além disso, supervaloriza o passado associado ao estadista. Esse passado soa glorioso, principalmente, quando se lê o lema ufanista da instituição. Uma nota nostálgica e saudosista perpassa toda a composição e, como vimos, o presente e o futuro são realmente questões de difícil trato no discurso da página. Essa atitude não é, entretanto, exclusividade da página inicial do serviço turco. Pesquisas subsidiárias também revelaram que outros sítios governamentais turcos, semelhantemente, mantêm essa espécie de idolatria a Atatürk.

No entanto, é preciso lembrar que essa reverência a Atatürk pode ser uma estratégia do atual governo, ou dos governos turcos ao longo da história, à revelia da vontade popular. Há que se admitir que, neste ponto, o meu desconhecimento do contexto social turco impede uma análise mais acurada e profunda. Contudo, a realidade sociopolítica na Turquia parece ser bem mais complexa do que deixa entrever o discurso da página turca. Para ilustrar esse ponto, citam-se alguns excertos de uma recente entrevista do escritor turco Orhan Pamuk a um jornal europeu, reproduzida por um jornal paulista.

Orhan Pamuk é um romancista perseguido por denunciar violações dos direitos humanos cometidos na Turquia. Em fevereiro de 2005, em entrevista ao jornal suíço "Tages Anzeiger", afirmou que um milhão de armênios e 30 mil curdos teriam sido assassinados na Turquia e esta acusação acabou por lhe render ameaças, um exílio forçado e um processo jurídico com base em uma lei de junho de 2005 que, dentre outras providências, prevê pena de prisão de até três anos "*para quem insultar as instituições ou a identidade turcas*" (grifo meu) (Zanganeh, 2006). Após grande pressão da comunidade internacional, Pamuk se livrou do processo formal, mas afirma não ter se livrado da perseguição moral. Reproduz-se abaixo a pergunta feita ao escritor e sua resposta, a qual revela uma Turquia complexa e fragmentada politicamente, distante da aparente unidade nacional em prol de Atatürk exibida na página do serviço de inteligência turco:

PERGUNTA - De onde vem esse interesse, manifestado em "Neve", pela Turquia desassistida, por essa cidade de Kars assombrada por uma profunda ambivalência entre o islamismo, justamente, e o *kemalismo* [ideologia baseada nos princípios de Kemal Atatürk (1881-1938)]?

PAMUK - De repente, senti um desejo grande de narrar a Turquia contemporânea, o islã político, o fundamentalismo, o secularismo, o tropismo nacional pelos golpes de Estado militares, o nacionalismo de nossos grupos étnicos, as forças políticas e suas facções insondáveis. E desejei que a história fosse ambientada numa cidadezinha de pobreza muito grande e que essa cidadezinha se transformasse num microcosmo da Turquia, tal como a vejo hoje. Quis tecer uma intriga que revelasse *os mistérios e as aparências falsas de meu país, os modos de pensar sibilinos, o extraordinário labirinto político*. (grifos meus).

O depoimento de Pamuk traz à baila uma outra perspectiva acerca do governo e população turcas que se choca frontalmente com o discurso institucional verbal e visual da página turca. Vê-se, dessa forma, que a imagem da instituição turca, assim como a imagem de qualquer outra entidade, é fabricada: a instituição faz escolhas e recortes da realidade, sejam eles fidedignos ou não, que acredita projetar para o público em geral uma imagem favorável de si própria.

Neste ponto, é interessante lembrar que, apesar de conscientemente fabricado em certa medida, há uma parte inconsciente (Gunnarsson, 2000, p. 9) que se 'infiltra' no discurso e permite que se entreveja a tensão entre a identidade 'real' e a identidade 'projetada' do serviço turco. A análise visual desvenda esse conflito ao associar um significado ambíguo ao emblema da instituição. Na composição, o emblema é o único elemento, afora o nome do serviço, que remete diretamente à instituição. Ora, o emblema, como mostrou ser uma possibilidade a análise visual, ocupa, a um só tempo, dois espaços distintos na página: um representando o passado do país e o outro representando seu presente e o futuro. Esse arranjo visual deixa transparecer que o passado e Atatürk não são unanimidades para a instituição como o esforço consciente quer fazer crer.

Portanto, o discurso visual da instituição turca, por um lado, reitera o seu discurso verbal e, por outro lado, o desafia sutilmente. A citação de Atatürk, juntamente com sua assinatura manuscrita, texto verbal, afirma a suma-importância do estadista, importância essa que é abertamente reforçada pelo retrato de seu rosto à esquerda da página e o retrato de seu perfil no centro do emblema. Assim, nesse

mister, os elementos visuais apontam na mesma direção em que o elemento verbal. No entanto, a 'cisão' do emblema indica que a instituição questiona, em certa medida, o aparente consenso que cerca os preceitos e o passado representados por Atatürk, que ela própria quer projetar. Pode-se dizer, dessa forma, que o discurso ufanista e personalista que o serviço turco cuidadosamente constrói deixa passar despercebida uma pequena brecha em sua estrutura.

É importante perceber que os pontos discutidos acima passam longe da questão que julgamos central no discurso das instituições de inteligência sob estudo. Não fosse pelo nome da instituição no topo da página, não haveria como saber que se trata da home page de um serviço de inteligência. Não há, na página inicial, nenhuma referência explícita à inteligência em si, nada que, ao menos, indique que o assunto será tratado nas demais páginas do web site. O discurso do serviço turco passa ao largo de suas próprias atribuições, objetivos, estratégias.

7.2

A PÁGINA ITALIANA

O discurso articulado pela página italiana é o único, dentre os três discursos analisados, a se posicionar em relação à atividade de inteligência. Apesar de apropriar-se da voz de um terceiro, fazendo uso da citação de Maquiavel e buscando nela respaldo, inclusive, através do texto verbal, a instituição confronta a natureza delicada de seu próprio ofício. A citação aborda o caráter conflituoso e competitivo da atividade bem como sua importância estratégica por antecipar os movimentos e planos do adversário.

Também é o único discurso a articular visualmente a sujeição da instituição ao governo e à sociedade. Na página turca, essa idéia está presente no lema “Estamos a serviço da grande nação turca”. Porém, a página italiana representa o conceito de *serviço* acrescido de uma especificidade importante, as fotos, que são recortes

simbolizando valores defendidos por uma sociedade democrática pós-moderna. Assim, as instituições italianas 'dizem', não com palavras, mas com imagens, estar a serviço de um governo e sociedade democráticos.

Muito embora a justaposição de *inteligência* e *governo democrático* possa parecer natural, a história tem demonstrado que a convivência pacífica de ambos é uma empreitada difícil. Por isso, a presença simultânea dos dois elementos na página italiana se apresenta como uma tentativa sutil de conciliá-los. Vale notar, por outro lado, que o arranjo visual da página reconhece um determinado grau de incompatibilidade entre atividade de inteligência e regime democrático, ao posicioná-los no campo do real e no campo do abstrato, respectivamente: o regime democrático fica na parte superior da página ao passo que a natureza dura da atividade de inteligência ocupa a parte inferior da composição.

Há um outro elemento na composição italiana que merece atenção, o esboço do edifício em segundo plano na parte superior esquerda da página. Repetindo o que foi dito na análise visual, esse edifício parece ser uma tentativa de aproximação por parte das instituições italianas para com o público. Por outro lado, no entanto, esse esforço para se expor é feita de maneira velada, indireta. Nota-se que essa imagem aponta para a existência de um conflito: até que ponto deve-se ou pode-se expor uma instituição de inteligência?

O discurso da página italiana, mesmo sendo um discurso que confronta, por meio da palavra, a natureza da atividade de inteligência de maneira direta, por meio das imagens, permite que se entrevejam dois conflitos enfrentados por instituições de inteligência em nossos dias: conciliar democracia e inteligência e consolidar uma imagem de transparência perante a sociedade.

7.3

A PÁGINA AUSTRALIANA

Seguindo o mesmo raciocínio inicial utilizado no caso da página turca, buscou-se então uma palavra que descrevesse, em linhas bem gerais, a característica principal do discurso australiano e a palavra que parece cumprir esta incumbência é a palavra *burocrático*.

O texto verbal australiano é burocrático em toda a sua extensão, a começar pelo arranjo formal do texto em cabeçalho, corpo composto por três parágrafos nitidamente distintos entre si e *links* que se assemelham a notas de rodapé. No entanto, a leitura do texto é o instrumento que verdadeiramente põe em evidência o tom e o conteúdo burocráticos do discurso verbal. Há, em primeiro lugar, uma única estrutura comum aos três parágrafos, como discutida na análise, **X é Y**, estrutura cuja extensão aumenta de um parágrafo para o outro. Em segundo lugar, o elemento **Y** no segundo e terceiro parágrafos toma a forma de complexos oracionais intrincados de difícil compreensão. E, um último aspecto a tornar o texto burocrático é o léxico nele utilizado. As palavras selecionadas são exemplos de linguagem legalista, rebuscada e opaca. Sendo assim, a imagem que se tem lendo o texto institucional do serviço australiano é de que se trata de uma instituição que quer ser vista como uma entidade que se pauta rigorosamente por regras, mesmo que não as dê a conhecer ao leitor.

A fim de compreender a opção do serviço australiano por projetar-se de maneira tão pouco atrativa na internet, pesquisou-se na rede alguns fatos controversos na história recente do ASIS. O material encontrado será brevemente delineado aqui.

Em 1983, houve um incidente desastroso envolvendo agentes em treinamento que simulavam uma operação de vigilância e resgate de reféns em um hotel em Melbourne. Os agentes foram acusados de uso de força bruta e porte de armas semi-automáticas. O caso foi investigado pelas autoridades e o ASIS foi supostamente proibido de levar a cabo outras operações secretas.

Entre 1989 e 1991, um outro episódio que maculou a imagem do serviço foi a denúncia de seu envolvimento no treinamento de tropas da Papua Nova Guiné para conter movimentos pró-independência em áreas do país.

O serviço externo australiano voltou à mídia em 1993. Desta vez, ex-funcionários alegaram que a instituição agia à revelia do governo e estava fora de controle, infringindo leis e elaborando dossiês sobre cidadãos australianos sem razões fundamentadas para tanto. Particularmente, esses ex-funcionários disseram suspeitar que um funcionário do alto escalão do serviço agia como agente duplo, ou seja, trabalhava para um serviço estrangeiro.

Esses incidentes, juntamente com tantos outros, colaboraram para que houvesse uma reformulação geral da legislação que controlaria o trabalho e a conduta do serviço australiano. Em 2001 e também em 2004, novas leis, aparentemente mais severas e limitadoras, entraram em vigor. (http://en.wikipedia.org/wiki/Australian_Secret_Intelligence_Service)

Os acontecimentos descritos acima não só confirmam a noção de que os serviços de inteligência, mesmo em países de larga experiência democrática, são razão de controvérsia e polêmica, mas também ajudam a esclarecer o porquê do tom legalista no discurso verbal da instituição australiana. Tal como acontece em muitos países, o serviço australiano talvez ainda tenha que lutar contra uma imagem negativa junto ao público e, numa atitude de autodefesa, empunha armas como a vaguidão e verborragia lingüísticas.

Visualmente, como já asseverado na análise, o discurso australiano é também burocrático no sentido de que é pouco criativo. A presença saturante da cor preta 'abafa' sobremaneira o texto escrito em fonte branca e azul clara, de tamanho pequeno. A cor preta se impõe ao observador e lhe dificulta o discernimento do arranjo visual da página. Dessa forma, pode-se dizer que, na página australiana, os discursos visual e textual estão alinhados e trabalham para construir um mesmo efeito. Nas duas esferas, o discurso institucional se mostra opaco, de difícil compreensão, e parece não fazer muito esforço para se mostrar eloqüente e chamar a atenção do leitor; ao contrário, opta mesmo pelo discurso emperrado da burocracia.

Vale lembrar, todavia, que esse estilo discursivo pode também ser um instrumento para comunicar subliminarmente que a organização atua de maneira extremamente formal e precisa, respeitando maquinal e perfeitamente cada procedimento estabelecido pela legislação.

Tecidas as considerações sobre o discurso de cada instituição individualmente, passamos a uma discussão que pretende abranger aspectos comuns aos três discursos.

Um primeiro ponto de relevo comum às três páginas é que, tal como acontece com quaisquer sítios corporativos ou institucionais, todas elas se organizam ao redor de dois intuitos: um promocional, outro informacional (Bhatia, 1994). No entanto, nas três páginas estudadas, o intuito promocional das páginas é mais patente que o intuito informacional. No entanto, ao declararem que estão a serviço de seus países, essas instituições governamentais (tanto quanto quaisquer outras), deveriam privilegiar o conteúdo informacional de suas páginas iniciais. A internet, nesse sentido, mostra-se um espaço muito apropriado para a consecução desse objetivo, pois a construção e manutenção de web sites é uma empreitada de custo relativamente baixo custo se comparada ao custo de anunciar em outros veículos midiáticos.

Neste ponto, é preciso reconhecer as limitações desta pesquisa, que escolheu focalizar uma única página (home page) dos sítios das instituições em questão. Muita informação não disponível na página inicial pode estar à disposição do usuário da internet. Mesmo assim, há que se lembrar que a página inicial é a página principal do sítio e é, em muitos casos, a porta de entrada para as demais páginas. Assim, a página inicial é intrinsecamente relevante dentro de um sítio. No entanto, é inegável que pesquisas adicionais investigando os web sítios como um todo seriam fundamentais para um entendimento mais amplo e aprofundado do discurso dessas instituições. Dentro dessa discussão sobre a página inicial das instituições de inteligência, é interessante resgatar, também, um aspecto assinalado na Metodologia, dando conta que muitas instituições possuem uma página inicial no idioma oficial do país que representam e uma outra página inicial em idioma estrangeiro, em vários casos, totalmente distinta da primeira. Um estudo contrastivo abordando as diferenças entre essas páginas iniciais poderia levantar questões importantes no que tange à visão e atitude que essas instituições adotam perante seu público “interno” ou “externo”. De igual forma, pesquisas nessa linha explicitariam outras questões e, certamente,

aprofundariam as questões relativas à atividade de inteligência e ao discurso das instituições oficiais que dela se ocupam.

Retomando a discussão acerca das três páginas neste trabalho, outro ponto que chama atenção nas três páginas estudadas é a maneira como abraçaram o 'estilo' de comunicação do setor privado. Referimo-nos, aqui, especificamente, à adoção de um lema ou declaração de missão por parte dos serviços de inteligência, à guisa do que fazem organizações e empresas privadas. É verdade que essa possa ser uma tendência no setor público do mundo globalizado. Mas, ainda assim, pode-se questionar por que razão instituições públicas de inteligência, cujas atividades e objetivos, ao menos em tese, deveriam visar ao bem-estar da sociedade como um todo, buscam se espelhar em entidades privadas, cujo propósito maior é o lucro financeiro. Com sua linguagem abstrata e vaga, que se presta à autopromoção, à criação de uma 'marca' inconfundível, as declarações de missão fazem muito pouco em termos de fornecer ao público informações claras e confiáveis acerca das organizações que representam.

Em face de toda a discussão promovida acima, pode-se concluir que, embora a publicação de páginas web de serviços nacionais de inteligência possa parecer, à primeira vista, uma mudança radical de postura no relacionamento com o público geral, muito pouco é dito a respeito dos princípios, objetivos específicos ou métodos de atuação, os quais colaborariam para uma gradual remoção da aura de mistério que têm tradicionalmente cercado essas instituições. Em outras palavras, a análise das páginas evidencia que os serviços de inteligência ainda se mostram bastante arredios a um verdadeiro escrutínio por parte do público. Em seu discurso, respondendo à pergunta que serve de título a este trabalho, os serviços secretos demonstram que suas novas relações nesta nova ordem mundial ainda se pautam pelo velho ditado: *o segredo é alma do negócio*.